

1º Lugar

Boi com sede bebe lama

“O desespero
No olhar de uma criança
A humanidade
Fecha os olhos pra não ver

Boi com sede bebe lama
Barriga seca não dá sono
Eu não sou dono do mundo
Mas tenho culpa, porque sou
Filho do dono”

Filho do Dono – Petrúcio Amorim

Sexta-feira, onze e meia. Papéis, caneta, carimbo, tudo em ordem, estou fechando minha mochila. O estetoscópio ainda está sobre os ombros. Doutor, ligou um Agente Indígena de Saúde, disse que tem uma criança lá na aldeia “só respirando”, mas não é da sua área, o senhor pode atender? Posso, claro.

... Está demorando, não? Não se preocupe, Doutor, na maioria das vezes é besteira. Estou ansioso, mesmo assim... Vou ler um pouco, para distrair... O Acaso é um bicho engraçado, nesse dia estava com um livro de meu professor, amigo e companheiro, na mochila. As palavras escritas naquelas linhas falavam de política, mas eu lia, em verdade, eu escutava ele me dizendo: mantenha a calma, da sua segurança depende a vida do paciente... era como se ele estivesse ali, a ansiedade diminuiu. É, estar acompanhado de um amigo nos traz paz.

Doutor, o menino “tá roxo”. O que tá acontecendo? Ele tá mole dotô. Calma, mulher, como ele está e desde quando? O menino tá sem querê cumê e mole, derde sanoite. Ele teve febre ou tá fazendo cocô mole? Hem-hem. Tem certeza que não? E ele está “mole” só faz um dia? Ele é assim mermo. Qual a idade dele? Cinco meise. Tudo isso? alguém pesou ele, ele é tão pequenininho. Três quilos e seicentos, doutor. Meu Deus!

Coloque ele nessa mesa e tire a roupinha.

A criança está largada na mesa de exames, o pescoço virado para direita. Olhar no vazio. Um olhar desesperado, de quem sequer consegue chorar para pedir socorro

Fontanela deprimida.

Olhos fundos, encovados.

Ele respira, mas muito rápido.

Sua pele está quente e enrugada.

Sua barriga, escavada. Sobra-lhe pele. Uma palpação leve e escorre uma evacuação amarelada, líquida e muito fétida.

A senhora disse que ele não estava com diarreia! Que não fazia cocô mole. Far tempo que o cocô dele é assim, dotô. Me dou conta que, nessa hora, culpar a mãe não ajuda em nada.

Faço uma prega no abdome, mas a pele não desfaz aquela prega.

Ele está mamando? Hem-hem. Parou quando? Cum treis dia. Por quê? Num tinha leite no meu peito. Quantos anos você tem? Dizessei. Só tem ele? Nã, tem um de doi ano e tô esperando oto. O que é que você está dando para ele comer? Mamadêra, eu dirmancho o leite e ele toma. Fir essa mamadêra onti, mar ele num tumô nada. Doutor, pelo amor de Deus! Um cheiro azedo se espalha pela sala. Na mamadeira, sobrenada uma grossa camada de leite “talhado”, encimado por bolor.

Não, não sou médico sem fronteiras. Nem esta situação aconteceu na distante África. Esse atendimento se deu há menos de um mês, no interior de Pernambuco. Infelizmente a humanidade continua “fechando os olhos para não ver”. Não ver que as doenças prevalentes da infância continuam sendo negligenciadas, principalmente quando acometem minorias. Não ver que elas continuam ceifando os dias de “uma vida toda pela frente”.

O desespero no olhar daquela criança está fotografado em minha retina. Não consigo lembrar daquela cena sem embargar a voz, sem encher os olhos de lágrimas. Não adianta, “meu coração é de sangue e ele sangra”.

Iniciamos o tratamento, em seis horas a criança começa a melhorar. Despertou, já consegue beber água avidamente, alimenta-se. Mas sua diarreia

continua. Em 24h continua cansada, taquipnéica. Encaminhada para o hospital de referência, é internada em leito intensivo. Após sete dias na UTI, vem a notícias. Seus pequenos rins não suportaram, sua luta desesperada chegou ao fim. Descansa em paz, o pequeno índio, nos braços do Rei do Ororubá.

Nós temos uma tendência incrível a procurar culpados, e essa inclinação é muito maior para encontrar o argueiro nos olhos dos outros. “Essa mãe é um irresponsável!” Hipócritas, não sabemos tirar a trave de nosso próprio olho! Já diz a letra da música que inicia esta crônica: “eu não sou dono do mundo, mas tenho culpa porque sou filho do dono”. Tenho culpa na hora que oriento de forma superficial o aleitamento materno, tenho culpa na hora que identifico uma criança de baixo peso, notifico, mas não a acompanho de perto. Tenho culpa na hora que digo: “não, só atendo 10 pacientes”.

Engana-se quem acredita que a função do médico é salvar vidas. “A vida é uma doença crônico-degenerativa que, inexoravelmente, leva à morte”. Nós “salvamos” *mortes evitáveis*, que são, em sua maioria, condições sensíveis à atenção primária.

Que a estrela deste pequenino, que hoje embala nos braços do Rei do Ororubá, nos sirva de guia. Nos fortaleça a qualificar ainda mais nosso serviço, que encontremos nossos argueiros a cada dia, fazendo com amor aquilo que fomos vocados à ação.

2º Lugar

Minha vida como MFC.

Há doze anos me formei em Medicina. Há doze anos trabalho como médica da Estratégia Saúde da Família. Poucos dias depois de formada já estava no treinamento introdutório para trabalhar no Programa Médico da Família (esse era o nome da Estratégia em seus primórdios na minha cidade), quarenta horas de preparação, longas demais para uma recém-formada ávida para começar a trabalhar, mas insuficiente para preparar um Médico de Família e Comunidade.

Era o começo de uma vida profissional, estava encantada com o trabalho, mas recebia muitas cobranças para fazer uma residência. O tempo foi passando e eu fui gostando cada vez mais do trabalho no Programa Médico da Família.

Após quatro anos na Estratégia (o nome foi mudado de PMF para ESF pouco tempo depois) fiz uma especialização em Medicina de Família e Comunidade, mas ainda não me sentia uma médica de Família, faltava alguma coisa. Em 2009, após oito anos trabalhando na mesma Unidade de Saúde, obtive a titulação em MFC. Com certeza eu gostava da especialidade, mas estava pronta para casar com ela?

Eu não lembro o momento exato em que me apaixonei pela medicina, mas recordo que a figura do meu avô, médico, batalhador, que dedicou toda uma vida a exercer a profissão em um interior do interior do Piauí, teve bastante influência na minha escolha. Ele tinha como especialidade Ginecologia/Obstetrícia, mas ele era um verdadeiro Médico de Família, aquele de cabeceira, que não se importava em ser chamado no meio da noite, dotado de uma bondade e devoção raras.

Eu também não sei em que momento a Medicina de Família e Comunidade invadiu definitivamente a minha vida, qual o momento exato em que deixei de ser apenas uma médica da Estratégia e me tornei uma médica de Família e Comunidade de fato e de coração. Mas uma coisa eu tenho certeza, ser preceptora da Residência de Medicina de Família e Comunidade foi um divisor de águas na minha formação, se antes eu nutria um amor insipiente pela especialidade, com a Residência esse amor se solidificou e floresceu.

Ao aceitar ser preceptora, automaticamente aumentei minha busca por conhecimento, afinal, como diria um sábio colega MFC, nós, veteranos, sabemos para que serve o cimento, mas os recém-formados sabem o número de série do mesmo e com uma rápida busca no Dr. Google, descobrem também de onde ele veio. Essa busca me reaproximou da MFC e trouxe saberes que desconhecia.

Confesso que fiquei bastante apreensiva (e ainda fico) em exercer o papel de preceptora, mas tem sido uma experiência fantástica. Horácio dizia que a poesia era **docere cum delectare** (ensinar com deleite), na minha opinião, MFC também é uma arte e deve ser transmitida com prazer.

Tenho a sorte de acompanhar residentes maravilhosos, alguns com o DNA da MFC da cabeça aos pés e em cada fio de cabelo, outros que descobriram o amor pela especialidade ao longo da jornada. Com todos aprendi a ser uma Médica de Família e Comunidade bem melhor.

Foram doze anos intensos, de aprendizado constante da natureza humana e suas nuances. É um prazer acompanhar a evolução de uma pessoa, de uma família e de uma comunidade, não tem preço atender doze anos depois uma criança que você acompanhou desde o útero. É gratificante entrar nos domicílios e ser bem vindo. Nós, Médicos de Família e Comunidade temos privilégios que nenhuma outra especialidade focal possui, mas nossa arte é complexa, assim como é eterna a nossa busca por aprimoramento e por melhores evidências.

Houveram desilusões, com certeza, trabalhar com o ser humano é espetacular, mas também é oneroso. É difícil observar a falta de respeito de algumas pessoas, e até de colegas profissionais, com a nossa especialidade. O Médico de Família e Comunidade precisa ser valorizado e respeitado. Nós, Médicos de Família e Comunidade, precisamos defender com orgulho a nossa Especialidade, mostrar a nossa Identidade. Não somos melhores e nem piores que as outras especialidades, mas somos diferentes, somos MFC.

3º Lugar

EREMITA URBANO

Gabriel é uma dessas pessoas invisíveis da Cidade. Cidadão brasileiro com carteira profissional, CPF, RG e até carteira de motorista... Mas invisível. Tem endereço fixo, mora há muito tempo na mesma rua.

É uma rua sem nome e a sua casa não tem número. E tem como referência de moradia uma das muitas ruas beira rio espalhadas pela Cidade.

A casa de Gabriel é uma afronta ao equilíbrio. Conseguiu construir um sobrado com tudo o que encontrou no seu caminho... Pedacos de madeira, de plásticos, de lona... Tudo é útil para sua engenharia pessoal e única. Imagine uma construção feita de amarrações; amarrações de arames, de barbantes e de fitilhos. Imaginou... É a moradia de Gabriel.

Mora no mesmo lugar há dez anos e os seus vizinhos, moradores mais recentes, nunca ouviram a sua voz e sabem pouco sobre este homem invisível. Se não fosse a sua obra faraônica Gabriel passaria silenciosamente despercebido pela vida. O seu sobrado construído com muita paciência e solidão começou a chamar a atenção, não pela sua beleza, mas pela sua feiura. Do lado de dentro é a casa de Gabriel, do lado de fora um amontoado de coisas velhas. A casa começou a pender para a direita, direto para cima da casa do vizinho... Então Gabriel ficou visível.

A primeira Agente Comunitária de Saúde da região tentou entrar em contato com Gabriel, mas suas visitas domiciliares sempre foram infrutíferas. O cadeado do lado de fora indicava que Gabriel não estava do lado de dentro. Os inúmeros recados deixados nas frestas das madeiras nunca surtiram efeitos. Agente Comunitária mudou do território, mas não desistiu do Gabriel deixou uma missão para a sua nova colega: Cadastrar o Sr. Gabriel.

Foram muitos dias de campana, até descobrir a rotina do Gabriel. Saia bem cedo, na madrugada, para recolher reciclagem e voltava à tardinha. Foram vários os plantões na porta de sua casa até o tão esperado encontro. Gabriel chegou e não falou nada. Ouviu silencioso as orientações da Agente Comunitária de Saúde e ela falou em retornar e retornou uma, duas, três... e muitas outras mais, até conquistar a confiança do Gabriel.

Numa dessas visitas domiciliares, qual foi à nossa surpresa? Gabriel recebeu a Agente Comunitária de Saúde com um caderno e caneta nas mãos. Cidadão invisível e silencioso, discretíssimo.

Gabriel escreve no caderno que tem voto de silêncio. Então se inicia uma comunicação falada e escrita. Falada pela Agente Comunitária de Saúde e escrita por Gabriel. Relatou que tem voto de silêncio há muitos anos. Já fora

casado, tem um filho e muitos irmãos. Trabalhou registrado, teve casa, carro e até um comércio, perdeu tudo. E todos, estão no passado.

Restou o silêncio, a sua solidão e um carinho de feira surrado onde carrega as coisas recicláveis para o seu sustento, o seu maior patrimônio.

A barreira foi destruída, houve um grande avanço na comunicação. Gabriel recebeu a visita da Assistente Social, da Psicóloga e da Psiquiatra. Conseguiu mobilizar as equipes da Saúde e da Assistência Social. O seu caderno nunca fora tão utilizado, chegou a ficar com as folhas congestionadas.

Gabriel homem frágil, dócil e humilde é uma incógnita. Num belo dia de sol o voto foi quebrado e a voz baixa e pausada como uma suave melodia mistura-se ao vento num convite ao mais puro altruísmo.

Quem é Gabriel?
Saúde Mental?
Qual seria o seu CID?

Gabriel tem 40 anos é aparentemente saudável, nos exames laboratoriais tudo normal. É jovem demais para receber benefícios sociais e tem problemas demais para abiscoitar soluções. Relata fobia a contato com muitas pessoas e é reservado demais.

O que fazer com Gabriel?

A Defesa Civil?
A Saúde?
A Assistência Social?

Gabriel é uma dessas pessoas invisíveis que é melhor continuar assim...

Ele faz parte de um exercito de soldados invisíveis, engrossando uma população de 13.000 fantasmas urbanos, uma Cidade dentro da Cidade dos que tem olhos, mas não vêem, têm ouvidos, mas não ouvem e insistem em passar de largo.

Uma população de grito silencioso, uma visão que incomoda, apavora e aterroriza... Desafia a Saúde, a Assistência Social, a Segurança Pública, a Limpeza Urbana, o Poder Público... E principalmente o Coração.

4º Lugar

Roda gigante

Quatro e meia da manhã. Ninguém por perto. Ele podia sair e andar a vontade. Era necessário pensar um pouco, nos seus sonhos e desejos de antes. Casar era um deles, mas se transformou em quase pesadelo com o rumo das coisas. Parecia estranho se sentir assim, mas a verdade é que Gerson não queria mais deixar pra lá. Não podia mais deixar passar o tempo.

Naquela suavidade da madrugada, Francisca saiu para o aeroporto. O voo estava marcado para as seis. Boa decisão a de viajar com Beto. Estavam precisando daquelas férias. As magoas precisavam ser esquecidas. Pensava que duas semanas juntos poderiam salvar o relacionamento.

Vivian não conseguia dormir. Pensava em Gustavo. Ele disse que a amava e queria se casar com ela. Concordaram que eram muito jovens sim, mas tinham vontade de enfrentar a vida juntos. Suas histórias eram parecidas. Vidas difíceis. Pobreza e abandono. Ralação desde cedo. Pensava, com alegria, o quanto tudo estava dando certo para eles.

Cristina levou seus filhos para a casa da sogra ontem e não conseguia dormir. O que fazer agora? Muitas vezes avisou ao marido que não ia aguentar. Que ele precisava mudar de atitude. Que beber só piorava as coisas. Que se ele não mudasse, ela iria mudar. Pra que? Nada. Ele saiu e até àquela hora não havia chegado. Com certeza estava bebendo. Chegaria com raiva de tudo e de todo mundo, descontando nela e nas crianças. Por isso Cristina levou os meninos para a casa da mãe dele. Uma mulher desbocada e grossa, mas a única que podia socorrer. O pensamento corria para momentos antigos e recentes, como um trem fora dos trilhos, desgovernado. Isso cansava bastante, mas o sono não vinha. Desilusão.

Leandro estava quase dormindo. Era seu curto horário de repouso num plantão difícil de 24 horas. No dia seguinte, sem descanso, estaria na Unidade de Saúde da Família. Consultório cheio, muitas demandas. Lembrou-se, a enfermeira está de férias. Sabia dos problemas de Francisca. Ela já estava uma pilha de nervos há semanas e precisava descansar. Leandro sabia

também o que representava estar sem ela no posto. Gente demais querendo atenção, assistência, orientação, informação, consultas, cuidados. Ainda bem que Gerson estaria por lá - pensou aliviado. Ele era, sem dúvida, um ótimo técnico de enfermagem. Garantia o bom funcionamento da unidade porque conhecia, como ninguém, todo o território e a população – pensava, tentando dormir. O corpo estava cansado, mas a mente ainda agitada. Amanhã, ao chegar à comunidade, tinha que rever a situação de dona Carminda, diabética grave. Toda a equipe vinha se dedicando muito ao caso, principalmente Francisca. Lembrou-se ainda da solicitação do gestor quanto aos seus registros gerenciais para o monitoramento do PMAQ e que precisava fazer o relatório das ações de intervenção já realizadas e as que pretendia realizar.

Sentia-se cansado, mas não conseguia ter um sono reconfortante. A todo o momento acordava e lembrava-se dos deveres que lhe esperavam.

Às seis horas da manhã, o avião levantou voo. O marido de Cristina chegou. Gerson retornou à sua casa. Leandro se aprontava para deixar o plantão. Vivian dormia. Dona Carminda morreu.

Simone não sabia se o bebe ia nascer naquele dia ou não, mas as informações dadas pelo posto eram parecidas com o que sentia desde a madrugada. O marido longe, a trabalho. A família no Norte, distante. Uma vizinha amiga que tinha carro. Simone esperou amanhecer. Não teve coragem de incomodar. Mas às seis horas já estava de pé, sentindo escorrer pelas pernas um líquido quente em pequena quantidade. Dr. Leandro me avisou e Francisca também. Vou ao posto assim que abrir. Deitou-se um pouco para esperar a hora.

Dona Carminda não se entregou facilmente. Na verdade estava grave e já havia passado vários dias internada. Foi para casa em situação um pouco melhor. Dizia-se muito querida pelos filhos, mas só uma cuidava dela. Durante todos os dias, em quase 4 anos, só essa filha se mantinha ao seu lado. Todos os outros eram visitantes esporádicos. Faziam agrados e partiam. Sofia ficava. Dizia frequentemente a Gerson, seu marido, que podia aguentar tudo, mas não entendia porque os irmãos sumiam assim. Triste, muitas vezes chorava em conversa com a ACS Cristina. Sofia não podia sair, não tinha lazer. Ela e Gerson quase não se divertiam. Era só trabalhar e sobreviver.

Gerson sabia o quanto era necessário apoiar Sofia, mas estava exausto. Chegou em casa pensativo e foi olhar como estava sua sogra. Estava morta. Uma mulher muito forte. Morreu dormindo. Sofia também dormia. Um sono pesado, merecido. Gerson olhou-a por um longo tempo e sentiu-se egoísta ao pensar tudo aquilo antes. Não teve coragem de acordá-la logo. Deixou-a dormir mais um pouco. Estava tão cansada... Iniciou algumas providencias.

Cristina levantou às seis, fez seu café e saiu. Não sabia se voltaria, mas naquele momento não tinha a menor intenção de se aborrecer com o marido. Telefonou para a sogra. Não disse o que aconteceu. Perguntou sobre as crianças, deu algumas orientações. Fez que ouviu as reclamações costumeiras e mesmo assim pediu que Dona Carmem levasse as crianças para a escola. Cristina tomou café na padaria e esperou a hora de ir trabalhar.

O posto médico de família abria às 8h, de segunda à sexta. Coleta de sangue, pré-consultas, orientações, informações, *sorrisos*, avaliação das demandas, agendamentos, curativos, vacinas, consultas médicas, "*bom-dias*", consultas de enfermagem, dispensação de medicamentos, visitas domiciliares, *risadas*, *cafés*, *encontros*, sala de espera, queixas, críticas, reclamações, *sofrimentos*, *abandono*, choros, *apertos de mãos*, panos de chão, soro oral... *Vida*. Todos os dias, a roda viva da vida deixando suas fortes marcas. Profissionais de saúde driblando, diariamente, o sofrimento e a indignação, o adoecimento e a angustia, na busca incessante de produzir saúde.

Dilma sempre chegava às sete. O posto precisava ser organizado antes de abrir as portas. Cristina já estava no portão. Olhos cansados da noite. Cabeça pesada pelas preocupações. Sorriu ao encontrar a companheira de trabalho. Dilma era sua conhecida há muitos anos e costumavam conversar bastante sobre trabalho, família e filhos. Boa hora para melhorar o astral, pensou.

Francisca esperou por Beto até às seis e meia. Porque ele não apareceu? Pensava. Ficou no aeroporto como que paralisada, convencendo-se de que ele teria apenas se atrasado. Telefonou, mas ele não atendeu. Deve ligar depois - pensava. Levantou-se. Hora de voltar pra casa. No caminho, telefonou para Gerson, seu amigo de muitos papos e desabafos. Não atendeu. Notou-se

desesperada para falar com alguém. Ele, com certeza, vai me retornar-reconfortava-se.

Gustavo e Vivian estavam apaixonados desde o início desse trabalho. Foi amor à primeira vista. Passaram pela seleção de Agentes Comunitários de Saúde, no mesmo dia e começaram a namorar logo na primeira semana. A princípio não contaram a ninguém, mas foi difícil guardarem segredo por muito tempo. Há seis meses todos já sabiam. Estavam felizes. Decidiram se casar. Combinaram de chegar mais cedo para colocar em ordem uns cadastros realizados, antes do batente, e na rua receberam a notícia da morte de Dona Carminda. Gustavo a conhecia desde criança. Sua mãe era amiga de Sofia, da época de escola e Gerson era companheiro de trabalho, quase um pai.

Cristina recebeu a notícia preocupada. Aquela família era de sua micro área. Visitava Dona Carminda com frequência. Tentava anima-la e também aliviar o peso emocional de Sofia. Ligou então para Gerson. Ele não atendeu. Pensou em ligar para Francisca, mas deteve-se acreditando que ela estaria no avião naquele momento. Ligou para Dr. Leandro. Seria necessário, talvez, fazer a visita ao domicílio para averiguar o óbito. Leandro não atendeu.

Simone chama ao portão. Está com muitas dores. Esperou demais. Dilma corre para abrir e a ajuda a entrar. Sentada, ela conta como está e como foi sua noite. Não tem ninguém da família para ajuda-la. Vivian e Gustavo ficam com ela no consultório enquanto Cristina tenta nova ligação para Leandro. Alo... Cristina... Estou a meio caminho. Chego em 15 minutos. Ligue por favor, para o SAMU e peça uma ambulância. Entro em contato com eles ao chegar. Ah, Cristina, por favor, ligue para Gerson. Ele está mais perto que eu. Cristina, então, lhe conta o ocorrido, a morte de Dona Carminda. Acredita que Gerson não vá ao posto. Leandro pensou em Francisca mais uma vez. Sabia que sem ela e sem Gerson tudo ficaria bem mais difícil. Pisou no acelerador.

Francisca entra na Unidade com a fisionomia triste. Achava-se meio ridícula em aparecer no trabalho nas suas primeiras horas de férias, mas não podia suportar a angústia e ali se sentia acolhida. Não conseguiu falar ao telefone com os companheiros de trabalho e precisava conversar com Gerson, seu melhor amigo. Entrou sem dizer nada e logo percebeu a tensão que rondava o

ambiente. Voltou a si ao encontrar Simone em trabalho de parto e Cristina tentando contato com o SAMU. Em segundos, Francisca já não se lembrava de suas frustrações recentes e se movimentava para as providencias cabíveis. De súbito, entra Leandro, jogando sua mochila na mesa, como de costume. Assusta-se ao ver Francisca, como se nunca tivesse se despedido para suas férias. Embora preocupado não pode deixar de mostrar uma grande satisfação de tê-la naquele momento ali.

Aos poucos vão chegando os pacientes para o início do dia e os outros funcionários, que rapidamente se inteiravam do que estava acontecendo. A ambulância estava a caminho para levar Simone à maternidade. Leandro havia feito contato com o plantonista que já a esperava. Gerson ligou para o posto. Francisca atendeu com suavidade, não deixando transparecer que estava ali simplesmente para chorar as mágoas em seu ombro. Gerson lhe contou a situação. Sentia-se tranquilo e Sofia também, mas um vazio tomava conta dos dois. O sepultamento seria às quatro horas da tarde. Gerson procurou saber a razão de Francisca estar ali, mas ela não entrou em detalhes. Respondeu que nem sempre as coisas são como se quer...

Francisca resolveu aguardar até a hora do enterro e permaneceu ali o dia todo. Comunicou-se com o gestor local, esclarecendo as circunstancias. Não percebeu claramente, mas sentia-se melhor. Pensaria depois sobre Beto. Conversaria com os amigos. Conseguiu rir um pouco. Só mesmo aqueles pacientes e aqueles colegas poderiam fazê-la rir.

Toda a equipe trabalhou muito. Movimento de roda gigante... Tormentas e calmarias, em ciclos constantes, geradas pela maravilhosa marcação do cuidar...

Diana nasceu às 16 horas. Dona Carminda foi enterrada.

Vida e transformação. Dor e consolo. Presença e ausência. Trabalho e renovação. A roda viva da vida mais uma vez compondo as canções mais bonitas ou mais amargas. Roda gigante que impõe momentos alternantes de ascensão e declínio. Enfrentamentos e emoções. *Impermanências* que a vida nos convida a viver, de preferencia adocicadas pela união e pela solidariedade.

EPÍSTOLA

Autor: Ateneu

Ilha do Combu, Belém do Pará, Fevereiro de 2013.

Mainha,

Sua benção, quem vos fala é João de Deus, seu rebento, que vem nesta missiva pra lhe contar boas novas. Passaram-se dois anos da conclusão de minha formação. O sonho de menino, alimentado por dedicação e muito estudo, tornou-se realidade. Sou médico. E, agora, Médico de Família...Lembra de quando tia Terezinha e tio Juarez questionavam que especialidade era essa? E eu respondia “é médico que te conhece por completo, minha gente”, e eles suspiravam de orgulho, confiantes no meu comprometimento.

Nem tudo é muito fácil, mainha. Ser gente grande imprime muita responsabilidade. Cuidar de pessoas, carentes de tudo, também. Felizmente, sou agraciado todo dia com raios de possibilidades. Quase que invariavelmente, o sol nasce cedo nessas terras amazônicas, cuja imponência contemplo em um céu azulado e vasto. Recebo isso como um prenúncio de um dia pleno. Quase não há amanheceres cinzas por aqui. A chuva insiste em cair só à tarde – todo dia! Cinzas mesmo só as dores e mazelas deste povo. Sim, mainha, elas existem, e representam meu bom combate rotineiro.

Hoje, saí cedo da Belém continental. Minha fuga da metrópole de concreto se deu antes que qualquer engarrafamento sufocante alterasse meu bom humor. Meu destino era o rio. O poeta estava certo quando disse que “os rios de minha [nossa] aldeia são maiores que os de Fernando Pessoa”. Aqui, rios são tão extensos que alguém, no passado, ao olhar sua imensidão – por vezes, não se vê a outra margem – deva ter suspirado: que Rio Grande...parece o MAR (que no tupi-guarani, aliás, significa *Pará!*). Estacionei,

pois, no cais. Haveria de adentrar em uma embarcação na margem da Baía do Guajará, calma àquele instante.

O Popopô estava ali à minha espera. A referência onomatopéica à embarcação aquática motorizada era justa. Era deste modo que ela barulhava enquanto me conduzia à ilha de onde lhe escrevo. Meu café da manhã fora ali, desapressadamente. Contemplei o inefável vôo de aves que não vejo no ambiente urbano, assisti à insólita passagem de curumins treinando suas primeiras remadas em canoas e, de longe, avistei o verde da bioflora de muitos açazais e plantas nativas da ilha em que aportaria instantes depois.

Os ribeirinhos daqui são pessoas humanas e simples, carregam o olhar sincero de cumplicidade, e cada prosa destinada em uma consulta permite um enriquecimento bilateral. Na verdade, sempre penso que quem sai ganhando mais sou eu. Essas conversas demoradas e cuidadosas fomentam o espírito da renovação e dão vivacidade ao meu serviço. As condições de vida por aqui hoje pouco favorecem um estilo de vida saudável, e tantas doenças têm me causado muita preocupação. Os surtos de Chagas e várias parasitoses têm deixado minha população desgastada. E a vigilância com identificação de riscos à população tem de ser constante. Aqui, endemias e epidemias são combatidas com afinco...com prevenção!

Agora há pouco mesmo, voltei de uma visita a um domicílio que tenho acompanhado, em cujo local o pequeno da família apresentava-se desnutrido, ia mal na escola e tinha queixas constantes de dor de cabeça. O seu vôzinho, hipertenso, vinha notando os primeiros sinais da doença por anos mal controlada. A todos da família, o reforço das medidas preventivas rotineiras e específicas. Aos mais necessitados, a continuidade das intervenções da equipe de saúde. Ao fim, muita satisfação e esperança de dias melhores! De presente, recebi o agradecimento saudoso de todos, que em sua simplicidade insistem em me presentear com alguns doces ou frutas regionais que os próprios colheram.

Até quando estarei aqui? Eis uma pergunta que não saberia responder! A minha CONSTRUÇÃO é feita de tijolos, pedras, fé, fé, fé. Meu coração ficou pra sempre fincado neste solo ribeirinho, e cá sempre estarei, ainda que as

conveniências possam me encaminhar a outra comunidade Brasil afora. Se assim for, que lá também eu me doe, e receba tanto. Nem tudo são flores. Longe disso. Aliás, as dificuldades e os absurdos que presencio causam-me sentimentos de intransigência nada salutar. Mas penso que talvez a construção de um homem, de um médico, da Medicina de Família e Comunidade, tenha muito disso...do espetáculo entre o êxodo e o êxtase!

Fico por aqui. Se não me apresso, o barco retorna ao continente sem mim. Estarei sempre a lhe escrever linhas mal traçadas para contar as novidades da vida, sempre dinâmica, na Medicina.

Com amor,

João de Deus